

/ PALAVRA DO LEITOR

Estaleiro Rio Grande

O Estaleiro Rio Grande iniciou a construção do primeiro dos quatro navios Handymax encomendados pela Transpetro, empresa do Sistema Petrobras (Jornal do Comércio, edição de 16/10/2026). Parabéns a todos os trabalhadores, profissionais e instituições envolvidos neste importante batimento de quilha. É emocionante ver o Estaleiro Rio Grande novamente dando início à construção de um navio e movimentando nossa indústria naval. Que esse novo ciclo traga muitos empregos, renda, oportunidades e desenvolvimento para Rio Grande e toda a região Sul, e que nossa cidade volte a viver dias de crescimento, esperança e prosperidade com a força da indústria naval. O retorno da indústria naval significa mais oportunidades para as famílias, para o comércio e para toda a economia da cidade. *(Rafael Rodrigues)*



Estaleiro Rio Grande II

Espero que plataformas e outros equipamentos voltem a ser fabricados no Brasil. *(Vitor Bianchi)*

Hospital São Lucas

O Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs) homenageou sete profissionais que marcaram a história da instituição (JC, 16/10/2026). O melhor atendimento tanto para pacientes de convênios, particulares e principalmente pelo SUS. *(Denise Sueiro)*

Hospital São Lucas II

Gostaria que fosse retomado o serviço de pediatria. Já foi um dos melhores do País, tinha médicos com uma das melhores formações em Pediatria. *(Valerie Kreutz)*

Malha ferroviária

Os governadores eleitos Luciano Zucco (RS), Jorginho Mello (SC), e Sérgio Moro (PR) se reuniram para tratar da integração ferroviária entre os estados (JC, 14/10/2026). Pensando do ponto de vista da mobilidade, redução de custos de transporte e redução de acidentes de trânsito, é interessante, mas a população quer andar de trem? Muitos querem ter carro do ano e de modelo híbrido. Com relação à economia, empresários até levam em conta a questão logística, mas o restante da população não pensa na cadeia de custos que pode ser impactada com isso. *(Christopher Klein)*

Quiosques no litoral

A partir de abril de 2027, os 77 quiosques fixos e móveis e os nove restaurantes localizados na praia de Imbé, no Litoral Norte gaúcho, terão novos concessionários (JC, 14/10/2026). A primeira licitação nunca foi respeitada e os quiosques estão abandonados. Já foram feitas denúncias no Ministério Público, mas não foram tomadas providências. *(Álvaro Luís Parlatto)*

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Na crise, nem todos sobrevivem

Maurício Gewehr

Há uma assimetria perversa no modo como as economias enfrentam suas crises, e ela é uma questão de tempo, não apenas de dinheiro. Nos primeiros sinais de fragilidade, as ferramentas de intervenção são variadas e baratas. Quando a crise chega às manchetes, ficam escassas, caras e tardias, e o ativo já perdeu quase todo o valor.

A crise não é um evento, é um processo. Entre o primeiro sintoma de fraqueza e a ruptura existe um intervalo silencioso em que a empresa já sangra, mas segue operando. É nessa janela que a intervenção funciona. Por isso o tempo pesa tanto. Quem espera, vende ativos às pressas e aceita deságios agressivos, porque o mercado sabe que é o desespero quem dita o preço. A equipe se dispersa, e o valor da empresa vai junto.

O agronegócio é o retrato dessa armadilha. A pandemia criou a ilusão de um verão perpétuo, e ninguém queria frear a máquina. O produtor expandia, o banco desovava crédito, a indústria alavancava a produtividade. Financiava-se uma safra com a promessa de um preço que ainda estava na terra.

Vieram a geopolítica e o clima, com conflitos, secas prolongadas e enchentes devastadoras. A receita evaporou, mas a estrutura de custos montada para a abundância ficou de pé. O banco que empurrava crédito passou a executar garantias, e o fornecedor parceiro virou credor implacável. Quando o

socorro chega ao produtor já em desespero, não se salva a lavoura, apenas se administra a ruína.

A tentação mais perigosa é esperar que os ventos mudem. Acredita-se que a chuva na hora certa, a queda dos juros ou a alta da saca resolverão tudo. É uma ilusão caríssima. O vento empurra quem já está de pé, mas não ressuscita quem se sentou para esperar.

No agro, sobrevive quem mantém a dívida ajustada mesmo em safra frustrada, guarda caixa para dois ciclos ruins, corta custo antes de a margem zerar e monitora a realidade em vez de supor o futuro. Bancos, fornecedores e Estado são elos da mesma corrente e decidem, a cada safra, se financiam crescimento real ou bolhas de ilusão.

Em uma economia em crise, nem todos poderão ser salvos, mesmo que os ventos mudem. Admitir isso não é crueldade, é garantir que os recursos escassos cheguem a quem ainda tem recuperação. Quem se prepara cedo não apenas sobrevive, colhe.

Advogado, mestre em Direito da Empresa e dos Negócios

Acredita-se que a chuva na hora certa, a queda dos juros ou a alta da saca resolverão tudo

Comunicação pública e democracia

Orlando Moraes

Em períodos eleitorais, marcados por disputas acirradas e pela intensificação do debate político, a comunicação institucional assume dimensão estratégica. Garantir transparência, acesso à informação e continuidade da prestação de contas é fundamental para preservar a confiança pública, especialmente em cenários de tensão política.

Uma estrutura profissional permite que a população compreenda decisões

Como componente da gestão democrática, a comunicação pública vai além da divulgação de ações. Nos municípios, estados e na União, contribui para a transparência administrativa, a prestação de contas e o fortalecimento da participação e do controle social. Uma estrutura profissional

permite que a população compreenda decisões, políticas e serviços públicos, qualificando a relação entre Estado e sociedade.

Na Câmara Municipal de Porto Alegre, esse compromisso orientou a atuação institucional durante o período eleitoral. Os canais digitais foram mantidos ativos, com regras de publicação mais rigorosas e fiscalização aprimorada. A estratégia conciliou as exigências eleitorais com a transpa-

rência das atividades legislativas, assegurando a continuidade da informação sobre um trabalho que não se interrompe com o calendário eleitoral.

Essa atuação depende de equipes qualificadas, processos definidos e critérios editoriais consistentes, sustentados por valores fundamentais do jornalismo e da comunicação pública: precisão, ética, impessoalidade, transparência e responsabilidade. Na comunicação político-institucional, o desafio é dar visibilidade à atividade pública sem confundir informação institucional com promoção eleitoral, preservando a credibilidade e a finalidade dos canais oficiais.

Fortalecer essa área significa aprimorar a capacidade do Estado de informar, prestar contas e estabelecer relações transparentes com a população. Em um ambiente marcado pela disputa de narrativas e pelo excesso de informações, estruturas profissionais de comunicação também ajudam a enfrentar a desinformação e oferecem referências confiáveis para compreender as decisões coletivas.

A comunicação pública não é periférica à gestão, mas integra a capacidade do Estado de exercer suas funções com transparência, legitimidade e responsabilidade. Quando falha, a sociedade perde capacidade de compreender o Estado. Quando funciona com excelência, fortalece as condições para sustentar a democracia e a ordem social.

Diretor de Comunicação da Câmara Municipal de Porto Alegre

